

RELATO DE EXPERIÊNCIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Aline Ribeiro da Silva¹; Jaqueline da Silva Galdino¹; Jaqueline Mendes da Cunha²; Andreia de Brito Barbosa³

Universidade Estadual da Paraíba; alinealineribeiro@hotmail.com¹; jaquelinesgaldino@hotmail.com¹; jmcunha3108@hotmail.com²; andreiabarbosapb@hotmail.com³

RESUMO

A situação do ensino de literatura ofertado nas escolas, nem sempre é realizada com sucesso alguns teóricos como Todorov (2012), Abreu (2016), Tinoco (2010) dedicaram-se a elaboração de subsídios para o ensino da disciplina. Tivemos como principal objetivo relatar, por meio da nossa experiência de estágio supervisionado I, as inadequações com que o ensino da disciplina é concebido na sala de aula, propondo também uma reflexão acerca do trabalho com o texto literário. Tivemos como metodologia a observação de turmas do ensino fundamental e médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Carlos Pessoa Filho, na cidade de Aroeiras-PB. Ao fim do estágio e das observações, analisamos que o desprazer e o descontentamento com a literatura, tanto por parte dos alunos como, também dos professores quando negligenciam algumas etapas no momento da abordagem do texto literário, ainda é um problema a ser resolvido nas escolas. Essa crise em que se encontra o ensino de literatura evidencia o desencontro da prática docente não só com as proposta dos documentos oficiais da educação, mas também com os estudos teóricos que buscam discutir uma solução para tal contrariedade. Se o tratamento desapropriado da literatura seguir com os mesmos métodos de ensino, a aprendizagem da disciplina continuará fluindo insatisfação e desprazer com as obras literárias.

Palavras-chave: Literatura, ensino, professor, metodologia.

Introdução

O presente artigo surgiu do relato de experiência, exigido pela disciplina Estágio Supervisionado I, da grade curricular do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, *campus I*. Tendo em vista a dificuldade que o ensino de Literatura vem sofrendo, é cada vez mais comum verificar uma abordagem inadequada dessa disciplina nas escolas. Sendo assim, esse artigo percorrerá algumas perspectivas metodológicas, passando por algumas observações da postura do professor, analisadas no decorrer do estágio I. A formação de professores tem sido muito importante, pois se tornou extremamente necessário para que haja o contato do aluno com os diversos textos literários. Seu objetivo consistiu não só em apresentar e refletir teoricamente as experiências vividas por

nós (alunas do curso), como também confirmar a ampla necessidade de modificar o ensino que está ligado ao modelo tradicional tão vigente ainda nos tempos atuais. É a partir dessa vivência proporcionada pelo estágio de monitoria que o aluno, futuro professor, percebe e se aproxima da realidade que norteia os métodos de ensino podendo associá-los as teorias observadas durante a licenciatura.

É a partir dessa vivência proporcionada pelo estágio de monitoria que o aluno, futuro professor, percebe e se aproxima da realidade que norteia os métodos de ensino podendo associá-los as teorias observadas durante a licenciatura. Para embasar as observações feitas em sala de aula, fomos guiados por teóricos como, TODOROV (2012), ABREU (2016), LAJOLO (1994), PAULINO E COSSON (2009), TINOCO (2010), AGUIAR E BORDONI (1988), RANGEL (2007) e os documentos oficiais da educação, PCNs (2000), BNCC (2016) e OCEM (2006), e com os referencias curriculares para o ensino médio da Paraíba (2006).

É fato conhecido que as “*tradicionais aulas de literatura*” não despertam o interesse do aluno, muito menos contribui para a sua formação em termos de letramento literário. Esse é o contexto preocupante em que está pautado o ensino de literatura. Essa crise em que se encontra o ensino dessa disciplina está associada ao tratamento inadequado do texto. Poucos são os alunos que demonstram proficiência com a leitura literária e quando se trata da leitura por prazer o problema parece se agravar. Isso nos faz compreender o quanto é necessário abordar o tema a partir de diferentes teóricos e dos documentos oficiais da educação.

Um dos problemas analisados quando se fala na crise que a literatura vem sofrendo, diz respeito à forma com a qual ela tem sido apresentada aos jovens desde a escola primária e, muitas vezes, até a faculdade. O perigo citado por Todorov (2012) está no fato de que os estudantes não estão entrando em contato com a literatura mediante a leitura dos textos, mas mediante análise de crítica, estilos de época, de teoria ou de história literária. É exatamente nesse descompasso que está o perigo para o teórico, que analisa a inadequação na forma como a literatura está sendo ensinada. Como já vimos, o principal motivo pelo qual os alunos não lêem é justificado na forma com a qual a literatura é apresentada. Isso implica dizer que fugir dos moldes tradicionais do ensino da literatura é um dos principais ideais tendo em vista a solução do problema citado. Assim também defende a BNCC (2016), segundo o qual, o texto é um meio de reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros. Nesse sentido, no eixo da leitura, a demanda cognitiva das

atividades de nessa modalidade deve aumentar progressivamente desde os anos iniciais do ensino fundamental até o médio. Parece que despertar e instigar o aluno a ler os textos literários com prazer é uma tarefa árdua, mas não impossível.

Todorov (2012), em seu livro “A literatura em perigo”, discute suas observações enquanto leitor e crítico literário e desse modo propõe uma nova abordagem da literatura, dando ênfase naquilo que ela tem a dizer sobre a sociedade. Para este teórico, o maior erro no ensino de literatura é o fato de que na escola, os alunos aprendem o que falam os críticos e não o que falam as obras. Esse contraste é observado na aprendizagem dos estilos de épocas nas quais as obras são analisadas nas aulas de literatura sem nem se quer recorrer à leitura das obras.

Segundo esse autor, o estudo da semiótica e da pragmática, da retórica e da poética não são necessariamente o meio principal para uma abordagem adequada da matéria na escola. O professor deve orientar suas aulas para o estudo do objeto, e não da disciplina.

Segundo Lajolo (1994), a falta de interesse e o descontentamento diante dos textos literários está localizado nos rituais de iniciação com o qual a literatura é abordada. Como se observa, os livros são quase sempre para os alunos um objeto sempre incômodo, de desinteresse e enfado, indicado na maioria das vezes como meio de avaliação e obrigação.

Não existe receita para o ensino de literatura, muito menos técnica milagrosa para o convívio harmonioso com o texto. Geralmente, observa-se nas aulas de literatura o uso de textos literários canônicos, que não são atrativos aos que estão começando o contato com a leitura desse gênero, isso ocorre por diferentes motivos, a dificuldade de entender a linguagem das obras clássicas, por exemplo, é um dos impedimentos que desencaminham o gosto pela literatura tornando as aulas da disciplina chatas e enfadonhas.

O que Abreu (2006) trás em suas perspectivas de leitura da literatura é muito pertinente para o ensino da disciplina nas escolas. Apesar de estar a um bom tempo no currículo escolar e ter conquistado um espaço, ela ainda não é comunicada com seu objetivo fundamental: sua capacidade de humanização como também um fenômeno histórico e cultural. A literatura não pode ser compreendida apenas pelas opiniões dos críticos nem pelo critério da literariedade, Abreu (2006) defende a proposta de não julgar os textos literários sob este único critério, mas somar ao contexto em que cada texto foi produzido.

Tendo essa perspectiva, a autora alega que ‘não há consenso quando se trata de gosto e, especialmente, gosto literário’ Abreu (2006). Mesmos aqueles textos que possuem traços literários (segundo críticos) não são considerados pertencentes à literatura, estes fazem parte de outro tipo de literatura como exemplo: a literatura popular, literatura infantil, literatura marginal, literatura africana, entre tantas.

Estas que pertencem à outra categoria não foram aprovadas pelo simples fato de não serem textos favoritos dos críticos, a literatura não pode ser considerada apenas pelo cânone ou pela classe a que o escritor pertença na sociedade.

Diante dessas declarações constatamos que os documentos oficiais da educação e principalmente a Base Nacional Comum Curricular BNCC (2016), instrui para o ensino da literatura que a diversidade cultural existente no Brasil precisa ser respeitada e apresentada aos alunos e não apenas o cânone. Na Paraíba o ensino de literatura se baseia no documento: Referências Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006), que vem das propostas das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) que dar abertura para essas diversidades.

A instabilidade da leitura no ensino é muito discutida. Ler um texto não é apenas decodificar letra após letra, mas observar as aproximações que o texto tem com nossa vida, englobando questões políticas, éticas, moral entre outros aspectos. Isso é considerar o modelo sócio-interacionista de ensino, ou seja, analisar a interação existente entre o texto, o leitor e o autor, atribuindo significado ao texto.

Nesse sentido, observa-se a necessidade de letramento literário na escola. Conforme Paulino e Cosson (2009), a palavra letramento é entendida como uma área do saber multifacetada, assim não há uma definição única. As definições estabelecidas mudam com o passar dos anos sofrendo influências sociais, históricas, econômicas entre outros.

O letramento literário, para Paulino e Cosson (2009), pode ser entendido como uma das práticas sociais da escrita em relação à literatura, definindo-o como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentido” (p.70). Sendo assim o letramento literário é uma ação contínua que não se limita apenas

ao espaço escolar, é uma aprendizagem adquirida ao longo de nossa vida sendo reavivada a cada nova experiência, pois cada leitura é única.

Além dessas considerações, é essencial dar aos alunos as possibilidades adequadas com objetivo de executar essa tarefa, para tanto, eles precisam estar sempre em contato com as obras, seja ela um cânone ou não, disponibilizar um espaço adequado para a leitura e uma sequência de atividades práticas das quais eles possam realizar dentro e fora do espaço escolar.

Já vimos que a forma como o texto é apresentado ao aluno é um processo que pode decidir o comportamento dele diante da literatura, ou melhor, pode resultar em sua satisfação ou simplesmente resultar o contrário do que é esperado. Nos estudos literários uma das inadequações é enxergar a literatura através da tendência autoritarista da cultura brasileira. Isso implica dizer que o relativismo de interpretação é desconsiderado no âmbito acadêmico.

O método recepcional não se submete a essa tradição dominante, uma vez que sua base teórica defende a ideia do “relativismo histórico e cultural, já que está fundamentalmente convicta da mutabilidade dos objetos, bem como da obra literária dentro do processo histórico. (AGUIAR E BORDINI, 1988, p.81)

Para o autor Rangel (2007), a leitura tem sido trabalhada nas escolas como um “fenômeno cognitivo” e no momento que se aborda a leitura de textos literários é relevante apenas os aspectos histórico-cultural, ou seja, a materialidade do texto. Por isso o autor observa, por mais que a escola dedique-se e priorize a leitura, especificamente a literária, não trabalhando por meio das práticas do letramento literário as tentativas não terá um resultado relevante.

Rangel (2007) ressalva que alguns cuidados importantes precisam ser seguidos para a eficácia do ensino-aprendizagem da leitura literária, bem como alguns aspectos: uma boa escolha do livro didático, observando as diversidades de leitura que os mesmos dispõem; planejar o uso adequado do livro didático e a frequente presença dos alunos na biblioteca, para um excelente contato literário. Para alcançar cada aspecto desses será indispensável que cada parte do corpo escolar faça seu papel.

Metodologia

Este estudo tratou-se de uma pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, realizada com alunos de uma escola estadual do município de Aroeiras-PB, o período de observação foi durante os dias 27 de Março até 08 de Maio, nas terças- feiras.

O caráter descritivo, segundo Gil (2008, p. 28) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados”.

O estágio supervisionado I nos proporcionou um aprendizado bastante produtivo. Dentre as possibilidades, permitiu conhecer a condição real na qual o ensino de Literatura se situa na escola pública. Esse primeiro contato com a sala de aula nos desafiou a observar o andamento das aulas da disciplina nas turmas do 2º ano D; 2º ano E do ensino médio e 9º ano C do ensino fundamental. Os alunos do ensino médio apresentam faixa etária bem diversificada já às turmas do 9º ano os alunos possuem idades adequadas para a série. Durante o período em que as turmas foram analisadas não tinham livro didático de português, só veio chegar mais tarde. Assim a professora trabalhava com seu livro e os alunos não tinham acesso.

Nos primeiros momentos observados houve a leitura compartilhada e a participação de alguns alunos guiados pelas perguntas dispostas no livro didático, nas duas turmas do 2º ano. No entanto, um dos motivos que comprometeu o bom desempenho do texto “Não te amo de Almeida Garret trabalhado naquele dia (27/03/2018) está no fato da Professora X ter trazido característica do estilo literário Romantismo como meio de análise predominante do poema.

Nesse sentido, o que constitui um erro compromete o desempenho visando à formação do leitor literário, pois como vimos em Todorov (2012), não devemos, no estudo do texto, considerar apenas os métodos de análise literária para o tratamento adequado da literatura em sala de aula. Após a apresentação do poema, não houve uma discussão aprofundada do texto, a leitura que foi realizada serviu simplesmente para responder as questões do exercício de interpretação, não aconteceu uma leitura que instigasse o senso crítico ou a aproximação do texto com a realidade vivida pelos alunos. No

momento do exercício ocorreram dificuldades de interação justamente pela falta do processo de compreensão textual.

O ensino médio é o momento final dos estudantes para outros rumos, é neste momento que se deve consolidar e ampliar a formação de leitores, principalmente de literatura. Segundo os Referenciais curriculares para o ensino médio da Paraíba (2006), as leituras de textos literários precisam ser feita tanto pelos alunos como os professores e é indicado seguir três pontos: ler, debater e refletir, com base nas dúvidas que os alunos trarão. É durante o ensino médio que os alunos devem ter noções de conceitos específicos da teoria e crítica, mas não somente isso.

Sabendo disso, pode-se dizer que a professora, apenas fez o uso do texto para responder questões de compreensão e interpretação que pouco contribui para a formação literária dos alunos; nem mesmo discutiu aspectos da linguagem poética, conferimos vários momentos em que a discente poderia ter comentado e recorrido às figuras de linguagem, predominante no gênero poema, e também o uso das licenças poéticas entre outros recursos estilísticos. Verificamos também que a professora utiliza os mesmos métodos para as duas turmas de 2º ano do nível médio, que possuem diferenças acentuadas, ou seja, ao usar os mesmos métodos a professora não considera as características e necessidades dos alunos.

Neste mesmo dia observamos duas aulas no 9º ano C. Na aula a professora X realizou um exercício retirado do seu livro, pois os alunos ainda não possuíam o LDP, foi disponibilizado aos alunos pelo quadro o poema “Beija-Flor” de Roseana Murray. E mais uma vez a professora não trabalhou adequadamente o texto, não houve leitura compartilhada, discussão, nem reflexão, como também não trabalhou a linguagem do poema. Apenas a exigência do exercício respondido, em que os alunos realizaram a atividade, mas sem entender e bem, era notório perceber o quanto estavam desanimados.

Aconteceram nas aulas do dia 08 de Maio as apresentações de textos literários dos quais os docentes pouco demonstraram interesse pela leitura literária, a falta de aprofundamento das discussões pelos alunos ficou claro, a aula inteira foi reservado à leitura do trabalho escrito.

Resultados e discussão

O contato com a leitura literária desde o ensino fundamental é importantíssimo para a construção de um leitor literário.

Assim é obrigação do profissional de educação oferecer o conteúdo de forma agradável e adequada aos alunos

Diante das aulas observadas sentimos falta de uma análise temática da obra com base no texto, fazendo com que os alunos percebessem a interação texto-leitor-autor, como nos mostra não só alguns teóricos, mas também os PCNs (2000), que partilham dessa noção dialógica em suas aplicações. No exercício da docência, a professora poderia ter trazido uma das abordagens que é refletir sobre a possibilidade temática da obra, e não ter feito apenas uma análise na qual predomina o uso do texto como pretexto do ensino das correntes literárias.

Percebemos que a docente não se preocupava em trazer nenhum outro exercício que possibilitasse uma compreensão mais apurada dos assuntos trabalhados nas turmas, trabalha o texto muito superficialmente, predominando, assim, o ensino de gramática em si e para si, não existindo contextualização para o uso dos termos. Ou seja, sua metodologia ainda está enraizada no modelo de ensino tradicional. Os exercícios avaliativos da professora que foi realizado continham apenas questões voltadas para os conceitos literários e estilo de época, sem considerar o estudo dos fenômenos culturais, histórico, político e sociais de uma época presente na obra, verificando o quanto a literatura pode se aproximar e dialogar com nossas vidas.

Os seminários que ocorreram nas turmas do ensino médio incidiram de maneira pouco satisfatória. Uma vez que os alunos não percebiam o propósito do seminário como um gênero da oralidade. Os grupos que apresentavam, em momento algum houve uma reflexão sobre algum aspecto da obra. O que se percebe é que os alunos não compreenderam o propósito do gênero seminário, até porque não houve uma explicação do gênero. Nesse sentido, o que também não contribuiu foram os tipos de perguntas com a qual esses alunos se deparam na aula: “quem são os personagens principais?”, “qual a geração na qual o poema foi escrito?”, “que tipo de narrador a obra apresenta?”.

Diante dos relatos, já se verifica que as metodologias adotadas pela professora X não condiz com o dever real do professor, de ajudar seus alunos a serem cidadãos críticos. Observamos também que a escrita literária, em

nenhuma das séries citadas, foi trabalhada. A escrita foi vista como mistério restringido aqueles consagrados a um dom ou como um talento natural. Retirando dela o caráter de prática social e o repertório cultural que está além do cânone.

Ao mergulhar o olhar para suas aulas, concluímos que elas estão excessivamente distantes daquelas que os teóricos e os documentos oficiais da educação propõem. Não há como negar que uma aula em que não se trabalhe as possibilidades de abordagem temática, aproxime o leitor e faça com que perceba a leitura literária da literatura uma atividade prazerosa. O entendimento e a compreensão da obra só são alcançados quando há prazer e satisfação.

Considerações finais

Diante do cenário em que se encontra o ensino de literatura nas escolas, compreende-se a importância de debater os muitos desencontros com a qual a literatura se depara no ensino. O relato de experiência nos proporcionou a certeza do aproveitamento e enriquecimento adquirido durante o período de estágio supervisionado I, no qual se observou a distância em que, muitas vezes verifica-se, entre prática e teoria de ensino.

Ao passar por essa experiência, entendemos que o as aulas de literatura deve ser condicionada pelo professor que precisa apresentar uma bagagem de leituras e dominar conceitos que podem desencadear uma análise proveitosa do texto literário. Através disso, o professor conduzirá o aluno ao prazer literário necessário para uma melhor compreensão e entendimento da disciplina que dialoga com sua vida e lhe "ajuda a viver melhor", como concorda Todorov (2012).

Para tanto, os teóricos Paulino e Cosson (2009) discutem a importância de se trabalhar a literatura na escola de acordo com suas propostas do letramento literário que tem como objetivo aproximar a aluno da literatura, através do "processo de apropriação do texto enquanto construção literária de sentidos". Por isso os autores sugerem que o ensino de literatura deve estar não só dentro do espaço escolar, mas também fora deste ambiente. Uma vez que a apropriação da literatura é uma aprendizagem que nos acompanha ao longo de nossas vidas.

O letramento literário dispõe aos alunos uma experiência que amplifica e consolida o processo de apropriação da literatura que só é alcançado através de um processo contínuo de práticas ordenadas e executadas por meio das ações pedagógicas do professor. A seleção de textos canônicos no ensino de literatura ainda é predominante no que concerne a escolha dos professores. Na escola citada, nem a professora e nem a escola incentiva os estudantes as descobertas fascinantes da leitura literária que lhe proporcionar.

Por fim, compreende-se que para se alcançar o letramento literário nas escolas é necessário uma mudança de estratégia do professor e da escola, criando oportunidades como tempo, espaço, acervos de obras contemplando a literatura canônica e contemporânea, como também outras manifestações artísticas com o propósito de aproximar e efetivar o texto literário do aluno.

Referências

- ABREU, M. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AGUIAR, V.T; BORDINI, M.G. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 81-102.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília-DF, 2016. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 30 de maio de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília- DF, 2000. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 31 de maio de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Linguagens, códigos e suas tecnologias (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1) –Brasília, 2006. 239 p. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf> Acesso em 03 de setembro de 2018.
- GIL, Antonio Carlos Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: < <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 03 de Setembro de 2018.
- LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 2ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- PARAIBA, Governo do Estado das Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba: linguagem, código e suas tecnologias. Conhecimento da literatura. João Pessoa, 2006, p. 81-97.



PAULINO, G; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In/; ZILBERMAN, R; RÖSING, T. M. K. (Orgs). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

RANGEL, E. O. Letramento Literário e livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”. In: PAIVA, A; MARTINS, A. et al. (Orgs). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 127-145.

TODOROV, T. A literatura em perigo. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

TINOCO, R. C. Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas. São Paulo: Editora Horizonte, 2010, p. 1-57